



REVISTA ARTÍFICES - DOSSIÊ O BRASIL NA PANDEMIA: O ANTES, O AGORA E O DEPOIS.

## ENTREVISTA COM A PROF.<sup>a</sup> DRA<sup>a</sup> EUNICE MARIA NAZARETHE NONATO<sup>1</sup>

### REVISTA ARTÍFICES: FALE UM POUCO SOBRE SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.

**Eunice Nonato:** Minha trajetória profissional se iniciou em 1970, aos dez anos de idade, sendo que a minha primeira profissão foi a de manicure. Assim, já declaro que faço parte das brasileiras negras que assumem a responsabilidade pelo sustento da família desde cedo, ora pelo trabalho informal infantil, ora pelo envolvimento no mundo das ilegalidades. Felizmente, me enquadro no primeiro caso. Não por acaso, mas pela intervenção social recebida por uma empresa de assistência social “Fundo Cristão para Crianças”<sup>2</sup> que atuava na Comunidade do Morro do Carapina, na cidade mineira de Governador Valadares, onde nasci.

Do trabalho informal aos dez anos, cheguei aos 18 para a docência na educação não formal, em uma obra social que atendia um dos bairros de alta vulnerabilidade social da cidade. Depois, já graduada em Pedagogia, passei a atuar na educação básica, permanecendo por muitos anos como docente nas diversas modalidades: Educação Infantil, Anos Iniciais e Ensino Médio.

Em 1990, por meio de aprovação em concurso público, ingressei na gestão educacional como supervisora da rede municipal da educação de Governador Valadares e no mesmo ano fui aprovada, também para ocupar o cargo de inspetora escolar ligada à rede estadual de educação de Minas Gerais. Em razão da incompatibilidade do acúmulo

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito Vale do Rio Doce (1998) e graduada em Pedagogia pela Universidade Vale do Rio Doce (1985). Mestre em Educação (2002). Realizou em 2009 estágio doutoral na Universidade de Coimbra (Portugal). Doutorou-se pela Universidade Vale do Rio dos Sinos - RS (2010). Atualmente é pesquisadora e professora no curso de Direito e no curso de Mestrado em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce. E-mail: [eunice.nonato@univale.br](mailto:eunice.nonato@univale.br).

<sup>2</sup> O Fundo cristão para crianças é conhecido como “ChildFund Brasil-Fundo para crianças.”



dos dois cargos, solicitei exoneração do cargo de supervisora e permaneci como Inspetora até o ano de 2013, quando me afastei para a aposentadoria.

Logo após concluir o mestrado em educação em 2002, concomitantemente ao cargo que ocupava na SEE-MG, comecei a atuar como docente do curso de Pedagogia, inaugurando, assim, minha etapa de trabalho no ensino superior. Destaco que também no ensino superior minha trajetória foi imbricada pela atuação em espaços de gestão, ora como coordenadora de curso de direito, ora como pró-reitora de extensão e como assessora de pesquisa em diversas Universidades no Estado de Minas Gerais e no Rio Grande do Sul.

Importante aventar que, sendo de uma cidade do Interior de Minas Gerais, esse percurso profissional só foi possível por constantes deslocamentos territoriais e espaciais em busca de oportunidades de trabalho e estudo. Fato é que atribuo as habilidades desenvolvidas para relações interpessoais, para o ensino, para o cuidado com o outro e para a coordenação de processos, tecidas nas tramas da vida pela sobrevivência, decisivas para minha atuação profissional em vários lugares, em vários contextos, quase sempre em contextos conflituos.

Assim, com os vários afazeres e com as tessituras cotidianas na docência e na gestão, encontrei na academia espaço para aprofundamento dos estudos e das pesquisas. Em 2002, durante o mestrado, tomei como objeto de estudo os projetos educativos ambientais, e em 2005, no doutoramento, passei a investigar a educação de mulheres em situação de aprisionamento. Após o doutorado, ocorrido em 2010, e já com experiência em estudos fora do Brasil, as temáticas investigativas foram ampliadas. No entanto, sempre se ligaram a violências, vulnerabilidades, aprisionamentos, acautelamentos de juventudes, conflitos de gênero, étnico raciais e sociais.

**REVISTA ARTÍFICES: CONTE UM POUCO SOBRE O QUE VOCÊ TEM ESTUDADO/PESQUISADO SOBRE O ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO?**

**Eunice Nonato:** Atualmente, coordeno três pesquisas ligadas ao Núcleo Interdisciplinar em Educação, Saúde e Direito (NIESD) da Universidade onde atuo:



Território e suas inter-relações gênero, fatores geracionais e sociabilidades; Saúde, território e acautelamento; Periferia central, um estudo sobre a mobilidade urbana e os aglomerados no morro do Carapina.

Como os projetos Saúde, território e acautelamento e Periferia central estão em fase de conclusão, propusemos um novo estudo a ser desenvolvido a partir de 2022, ligado às crianças órfãs em decorrência da Covid-19. Nele procuraremos conhecer aspectos jurídicos, educacionais, psicossociais, de mobilidade espacial, bem como a de saúde de crianças e adolescentes órfãos em decorrência da Covid-19, no município de Governador Valadares/MG.

#### **REVISTA ARTÍFICES: COMO VOCÊ AVALIA A ATUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS NA GESTÃO DAS CRISES DEFLAGRADAS COM A PANDEMIA DA COVID-19?**

**Eunice Nonato:** Partindo da premissa de que estamos vivendo uma crise social e política sem precedentes na academia, percebo que há no mínimo três aspectos a serem considerados: primeiro, a pandemia por Covid-19 escancarou a relevância das Instituições de pesquisa e o alto preparo dos pesquisadores para lidar com a saúde coletiva de forma proativa. Segundo, o movimento do atual governo para descredenciar as instituições de ensino público se tornou inócuo diante do que foi demonstrado durante o pior momento da pandemia por Covid-19. E por fim, a falta de investimento e de todos os retrocessos no campo da Educação e da Pesquisa agravaram a situação de saúde pública dos brasileiros e, de certo modo, imobilizaram os pesquisadores que poderiam ter contribuído muito mais perante o cenário caótico vivenciado.

Feitas tais considerações, avalio que a gestão da crise pelas Instituições de ensino e de pesquisa brasileira foi comprometida pela ineficácia do atual governo. Vários limites foram impostos às Instituições de Ensino e aos pesquisadores, dentre os quais destaco a falta de investimento e o descredenciamento da própria ciência, impondo uma disputa de narrativas que levou muitos brasileiros a, por exemplo, não se vacinarem, mesmo diante do perigo eminente da cruel pandemia. Minha mãe dizia “muito ajuda quem não atrapalha” e infelizmente, além de não colaborar, a política do atual governo atrapalhou



demais, evidenciando a necropolítica que faz parte da constituição da cultura brasileira e marca, em muitos momentos de nossa história, as Políticas Governamentais.

A gestão de uma crise tremenda como a do COVID- 19 pressupõe muito mais que a injeção de recursos. É preciso uma verdadeira gestão integrada do território por meio da qual deveria ser feita a articulação entre a estrutura governamental, a estrutura do sistema único de saúde e a estrutura acadêmica que tem potencial para buscar resposta à crise, problematizando, refletindo e apresentando resultados efetivos a serem adotados. É papel das universidades construir conhecimentos e subsidiar as políticas públicas com tais conhecimentos, colaborando na mitigação das consequências sociais, econômicas, ambientais e psicológicas desta pandemia ou outras crises sociais.

Assim, a gestão da crise, no âmbito federal, foi a pior possível. Na verdade, penso que houve uma ausência de gestão. A governança atual não se limitou a deixar morrer, mas incentivou o uso de medicamentos cientificamente ineficazes, assumindo para si a responsabilidade pelos mais de 600 mil óbitos. Tal comportamento se caracteriza como inconsequente do ponto de vista moral, ético e científico. Além disso, os cortes no financiamento das pesquisas e, principalmente, os cortes das bolsas sem critério avaliativo, apontam que o atual governo atribui pouca importância à vida humana e se ocupa mais em nutrir a violência do que gerir a crise pandêmica.

#### **REVISTA ARTÍFICES: NA SUA AVALIAÇÃO, QUAIS FATORES DISTINGUEM A CRISE SANITÁRIA NO BRASIL?**

**Eunice Nonato:** A crise sanitária no Brasil, ainda em vigência, se distingue da crise global vivida também em outros países, principalmente, por incorporar ao campo da saúde, marcadamente em um dos seus piores momentos, a incompetência e os objetivos escusos ligados à política antidemocrática, anticientífica e antiética adotada pelo atual governo federal. A congruência de tais fatores é bastante preocupante e o cenário visivelmente perigoso gera uma instabilidade social que afeta os três poderes: executivo, legislativo e judiciário.



**REVISTA ARTÍFICES: PARTINDO DE UM OU MAIS ASPECTOS APRESENTADOS: CULTURA, TRABALHO, EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA. QUAIS SERIAM OS AVANÇOS E OS DESAFIOS DO PÓS-PANDEMIA?**

**Eunice Nonato:** Começo apontando como o maior dos desafios do pós-pandemia a consideração da dimensão antropológica da crise. A humanidade se caracteriza em sua dimensão biológica, social e cultural. Portanto, pensar o pós-pandemia requer considerar o caráter antropológico da humanidade, por exemplo, o fato de a sociedade brasileira precisar lidar com a perda abrupta de mais de 600 mil de seus membros que eram pais, filhos, maridos, amigos, trabalhadores, estudantes, cientistas, enfim, exerciam papéis sociais que foram rompidos ou interrompidos.

Conheço pessoas que perderam vinte e três membros da família. O pior e talvez o mais agonizante é achar o rumo. E agora? Como a sociedade vai se comportar? Se organizar e administrar o luto? Lidar com o luto ocasional já é doloroso em nossa cultura, imagine isso na atual proporção. Perdemos pessoas que ocupavam espaços importantes da estrutura social.

Além da insegurança em relação a como esses espaços serão reordenados, percebo que estamos sem rumo, do ponto de vista socioemocional. Como retomar a própria vida, o trabalho, os estudos, a reconstrução das relações interrompidas? Além do luto, temos os órfãos, dentre os quais crianças e adolescentes, que mesmo já tendo passado mais de um ano do início da crise, ainda não há uma política pública voltada para eles.

Muitos são os danos causados por qualquer pandemia. Entre os anos de 1918 e 1919 uma outra pandemia assolou o mundo. A conhecida gripe espanhola teria ceifado a vida de um número entre cinquenta e cem milhões de pessoas. Tal epidemia foi considerada como uma doença que atingia a população de idosos, entretanto a realidade da epidemia foi outra, pois morreram principalmente homens adultos, entre 20 e 40 anos, possivelmente porque saíam para trabalhar e por esse motivo eram infectados. A Covid-19, à semelhança da gripe espanhola, atacou os idosos, mas acometeu também pessoas de outras faixas etárias, inclusive crianças e jovens com boa saúde. Do ponto de vista do contágio, há certas semelhanças e distinções. Do ponto de vista social, também há.



Portanto, é preciso aprender com os erros do passado e tentar fazer do tempo presente um pouco melhor que nossos antepassados. A epidemia da gripe espanhola, ao matar homens e mulheres jovens, deixou como consequência muitos órfãos, alguns, inclusive, sem ter alguém para deles cuidar. Essas pessoas cresceram na informalidade e no descaso das políticas públicas. Será que vamos permitir que tal infortúnio se repita?

A morte de um familiar acarreta impactos significativos à estrutura familiar. Principalmente, se esse familiar é o provedor, o pai ou a mãe de uma criança ou adolescente, os danos são ainda mais severos por se traduzirem, muitas vezes, em necessidade de rearranjos familiares e mobilidade espacial. De igual modo, a morte de adultos jovens, pais e mães, pela Covid-19, resulta em órfãos, para os quais o olhar deve ser direcionado.

Ainda olhando para nossa história, lembramos que a epidemia da AIDS também deixou muitos órfãos. Doring (2005) realizou estudo envolvendo crianças e adolescentes órfãos em virtude da AIDS no período compreendido entre 1998 e 2001, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Esse estudo aponta que as crianças órfãs tiveram um alto índice de defasagem escolar, dificuldades de aprendizagem, além de evasão escolar e reprovação. A falta de vontade de estudar, em virtude da morte dos pais é apontada como motivo para a interrupção dos estudos. Para mim, é difícil compreender a razão de ainda não se ter adotado políticas públicas voltadas para tais questões; o que muito me preocupa.

A morte do pai, da mãe, ou de ambos, acarreta com frequência o deslocamento territorial da criança que passa a ser “cuidada” por um familiar ou conhecido numa condição sociojurídica anômala. Temo que seja uma geração escravizada por essas famílias e que não haja regularização da guarda ou tutela. Além disso, que cresçam sem reconhecimento de direitos e sem a necessária proteção jurídica e patrimonial. Ainda que a família cuidadora tenha boa vontade e boa intenção, nem sempre possui condições econômicas e/ou sociais para assumir a responsabilidade por mais uma pessoa que passa a compor a família de forma abrupta, devendo esse processo, portanto, ser acompanhado por políticas públicas de proteção à criança e ao adolescente.



Não se pode ignorar a juridicidade dessa nova condição em que se encontram crianças que, após a perda dos pais, se veem inseridos em uma nova configuração familiar. Contudo, mesmo com números assustadores de órfãos em decorrência da covid-19 nada se tem feito a favor dessas crianças cujo dever de proteger é também do Estado.

Entre a dor da perda de um familiar e a premente necessidade de proporcionar condições de vida às crianças e aos adolescentes que ficaram órfãos, nota-se o surgimento de uma geração de pessoas em fase de desenvolvimento que crescerão sem ascendentes em primeiro grau, reverberando impactos jurídicos relacionados aos institutos da guarda, da tutela, da adoção, entre outros. Como essa questão tem sido interpretada pelo nosso legislativo?

A ausência de regulamentação formal desses institutos na vida de crianças e adolescentes é solo fértil para o desdobramento de graves consequências no plano fático, uma vez que sem autoridade parental formalizada, os responsáveis de fato por essas crianças e esses adolescentes se veem impossibilitados de adotar medidas cabíveis para a garantia de direitos mais básicos, tendo em vista a incapacidade jurídica destes, em pleiteá-los por si sós.

Outro desafio tremendo é como sobreviver com as condições socioemocionais comprometidas por uma economia em ruínas. O retorno da inflação, o desemprego, o endividamento de muitas famílias em razão do adoecimento durante e pós a infecção por covid-19 sinalizam que estamos diante de uma situação social limítrofe entre o sonho recente de um país que acumulou vários anos de avanços democráticos, sociais e científicos e um país que se enamora de retrocessos em todos os âmbitos, principalmente, no campo da política, da educação, da saúde e da economia.

**REVISTA ARTÍFICES: NA SUA OPINIÃO, QUAIS SÃO OS PRESSUPOSTOS DA CRISE SANITÁRIA E, CONSEQUENTEMENTE, DO APROFUNDAMENTO DAS DEMAIS CRISES EM CURSO NO BRASIL?**

**Eunice Nonato** :Atribuo o aprofundamento da crise sanitária no Brasil a dois pressupostos básicos: incompetência na gestão da crise em último grau e a desumanidade.





Se faltasse a competência e restasse a sensibilidade humana, provavelmente, teríamos um saldo de mortos infinitamente menor. Contudo, a incompetência na governabilidade tem como saldo, mais de 600 mil mortos, retorno da inflação, desemprego, dentre outros males sociais e econômicos que agravam a crise sanitária e aprofunda tantas outras.

Toda estrutura social funciona em rede na qual são tecidos elos territoriais sob os quais as relações são encadeadas ou desencadeadas com desdobramentos relacionais e interfaceados nas várias escalas. Ou seja, as estratégias adotadas pelo governo para o enfrentamento da pandemia ou as que deveriam ter sido adotadas por ele, tais como, compra de vacina em tempo mais curto, valorização da história de sucesso do país no uso dos imunizantes, fizeram com que Governador Valadares esteja entre os que mais acumula mortos e onde a crise se instala com sérias proporções.

A análise que faço do contexto local, me permite ver que em Governador Valadares teve uma votação expressiva e favorável à eleição do atual governo e uma maioria permanece crédula das suas narrativas, ainda que infundadas e sem comprovação científica. Por outro lado, uma minoria sinaliza, diante da elevação acentuada dos preços dos bens essenciais de consumo e do elevado número de óbitos por covid-19, aderir a um movimento de inconformismo com as estratégias adotadas ou não adotadas pelo governo, responsabilizando-o por tais infortúnios, o que pode sinalizar mudança de posicionamento político, ainda que lento.

**REVISTA ARTÍFICES: FINALMENTE, AO SE ESTABELECEER UMA ARTICULAÇÃO ENTRE ESSES TEMAS, QUAIS SÃO AS PERSPECTIVAS PARA O BRASIL?**

**Eunice Nonato:** Na perspectiva macro, o Brasil precisa retomar o crescimento econômico e a reorganização social, por começar pela consolidação de uma política social para redução da desigualdade e, obviamente, da concentração de renda. A luta pela distribuição de renda de forma mais justa urge, assim como urge a retomada do empoderamento do Estado e das instituições ligadas a ele no campo da educação, da saúde, em especial o SUS, que demonstrou tanta relevância frente à pandemia. É necessário, ainda, fomentar o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação





dos sistemas socioambientais e da comunicação, pois sem os quais não é possível alcançar mudanças sociais significativas.

No âmbito micro, precisamos retomar a luta pela consolidação da democracia que é, relativamente, recente na história do país. Sempre que surge um gestor cuja perspectiva não é a do bem comum, a democracia é a primeira a ser afetada. As consequências são visíveis nos últimos anos, por exemplo *fake news* como base de uma eleição de uma nação tão grande, limitação das agências de comunicação, de comunicadores, ausência de debates e ameaça das instituições jurídicas. Tudo isso deve ser enfrentado pela retomada dos movimentos sociais e individuais. Enfim, a luta cotidiana, vigilante e proativa precisa nos mover rumo ao Brasil que merecemos.

Considero tal crise benéfica do ponto de vista pedagógico, pois a eclosão da Covid-19, o acirramento das políticas neoliberais, a desindustrialização, o aprofundamento da precarização no mundo do trabalho, o desmonte do Estado de bem-estar social, a expansão de domínio da mediação tecnológica e o colapso ambiental são elementos cruciais para nossas pautas de cada dia. Precisamos aprender com a pandemia e novamente construir objetivos coletivos.